

Obs: As notas de rodapé são observações da tradutora.

[NdT: Posto que o historiador Gabin Djèmassè traduz/interpreta diretamente as palavras do príncipe Dah, as respostas estão representadas pela letra D]

MILTON GURAN - Estamos no dia 15 de fevereiro de [19]96, com o historiador Gabin Djèmassè, com Dah Ahouissoukpè, vice presidente do CAFRA (Conselho de Administração da Família Real de Abomé). Agora, o próprio Dah Ahouissoukpè vai se apresentar. Ele vai nos contar tudo sobre a entronização.

DAH AHOUISSOUKPÈ - Boa chegada. Seja bem vindo. Deus velará por ele, pois que ele veio aqui me ver. Seu trabalho evoluirá. Ele não ficará doente. Ninguém terá raiva dele. Ele ganhará em seu trabalho. Seu chefe vai admirá-lo. Eu que o digo. Eu sou Dah Ahouissoukpè, filho de Houégladja. Meus ancestrais o foram e hoje, sou o vice-presidente do CAFRA, venho depois do rei. Tenho 75 anos e mais, agora. Estou sob o trono há muito tempo. Depois de Agougbo, foi Guêzo que veio ao trono. Tem um amigo que se chama Chachá em Uidá que vem vê-lo em Hounlihomey (o palácio de Guêzo, no bairro de Hounli, em Abomé). Guêzo o recebeu bem e lhe deu um lugar no palácio, com uma árvore. É à direita, em Honojuoto¹, do lado da igreja. Guêzo é então amigo dele. É um bom amigo que sabe servir ao rei. Ele é um comerciante que viaja muito. Guêzo lhe remetia coisas para que ele vendesse²(nós não queremos falar o nome de nenhuma mercadoria) e ele presta contas ao rei³. O rei Guêzo gosta dele e acha que deve fazer dele um amigo sincero. Ele não será somente um amigo de comércio. Ele é um amigo irmão. Chachá é alguém bem instruído. Ele disse ao rei Guêzo que ele vai construir uma casa para ele. Ele começou por construir um sobrado⁴ em Singbodji para o rei Guêzo. É por isso que esse lugar chama-se Singbodji. Lá era o pequeno palácio. Mas, por conta do que Chachá fez para Guêzo, a gente chama o lugar de Singbomey. O sobrado está lá até hoje. Se alguém vai representar o Chachá, que ele saiba que seu grande amigo está em Abomé. Quando alguém é escolhido, o trazemos aqui para apresentá-lo ao seu amigo, o representante de Guêzo. É por isso que aquele que entronizamos veio ver o rei. Antes da entronização ele veio. Quando ele se apresentou, se colocou de joelhos e o rei pegou suas duas mãos e falou dentro⁵. Ele colocou suas mãos sobre a cabeça. Ele ordenou que o entronizassem em Uidá antes que ele venha visitar o rei, seu amigo. Depois disso, o poder foi dado. Uma vez que o rei disse, toda Daomé deu seu poder, todos os vodus dão a ele seu poder⁶. Depois da entronização, eles

¹ Caligrafia um pouco difícil com rasura. Pode ser Hourojoto, ou algo parecido.

² Sublinhado no manuscrito.

³ Idem.

⁴ Ele diz “construir un étage”, ou construir uma “maison à étage”, um sobrado.

⁵ Sublinhado no manuscrito.

⁶ Na margem esquerda, ao lado do trecho sublinhado, foi escrito “vodu”.

voltam para Abomé saudar o rei, este vem o acolher como seu antigo amigo. Ele ainda não veio. Estamos fazendo as cerimônias anuais. Então, Chachá decidiu vir. Nós, os príncipes, nós aceitamos que ele venha. É amanhã. É por isso que fomos nos reunir na casa do rei. Organizamos como vai se desenrolar sua visita.

MG - Quais serão as cerimônias de amanhã?

DA - Nós, os príncipes, nós vamos receber o amigo do rei Guêzo. Iremos ao sobrado para lhe dizer que foi seu ancestral que fez isso para Guêzo. Acontecerão as celebrações. Se ele vem em estado de pureza, vamos levá-lo ao túmulo de seu amigo. Nós não desconfiamos dele, então. É amanhã, às 9 horas. Se ele for pontual, ele irá ao túmulo e depois ao sobrado. Ele deve subir no sobrado. Ele pode voltar.

MG - Ele vai tirar os sapatos e se ajoelhar ainda?

DA - Ele ficará com seus sapatos. Mas ele não estará com seu pareô desta maneira, ele o fará assim, porque ele não é o chefe desta casa, mas um amigo. Será amanhã. Os *Nau*⁷ dançarão para o amigo.

MG - É porque ele não estava entronizado que ele se colocou de joelhos?

DA - Sim. Agora ele dará a mão ao rei.

MG - Será que ele se lembra um pouco do que aconteceu na primeira cerimônia? O Chachá chegou, ele foi recebido pelos ministros do rei na entrada do palácio, ele foi reconduzido, ele se lembra? O que os brancos disseram ao rei e o que o rei respondeu? As saudações. Porque tudo isso me escapou. Será que ele se lembra dessas saudações, porque teve louvores.

DA - Os louvores são do nosso costume. Você não pode ter um amigo sem conhecer os louvores. Como fizemos os louvores do rei Guêzo, dissemos para seu amigo também, porque ele é um amigo sincero. Os irmãos de um mesmo pai e de uma mesma mãe não são tão íntimos assim. Amanhã, faremos o louvor do rei Guêzo e o do seu amigo, ao mesmo tempo. Eles são os mesmos. Chachá não é filho de Guêzo, é seu amigo. Não conhecemos os louvores de Chachá, do país, para dizê-los. Nós fizemos os louvores de nosso rei, louvando Chachá dentro [deles].

MG - Então Chachá Francisco era o amigo, o irmão de Guêzo. Seu filho Julião teve um problema com Dada Glèlè (o rei Glèlè). O rei Glèlè prendeu Chachá Julião acusando-o de tráfico e ele foi executado. Isso colocou um problema ao reino de Abomé, de ter relações de amizade com os outros Chachás que surgiram, ou não?

DA - Você viu? Falando, eu não disse nada disso. Eu falei do rei Guêzo e não de Glèlè. Se vamos à Glèlè eu direi o que há lá. Mas eu não o digo. Glèlè é filho de Guêzo. Depois da morte de Guêzo, Glèlè tornou-se rei e ele amou tudo o que fazia seu pai. Então, nós respeitamos os laços de amizade e se o outro comete um sacrilégio, isso não

⁷ A palavra pode ser *Nau* ou *nan*; não foi encontrado tradução.

é mais nosso problema. Eu não quero falar disso, não, eu me recuso. Talvez aquele que cometeu o sacrilégio tem filhos que virão aqui amanhã.⁸Falando disso, o que pode acontecer? Dizemos, por exemplo: “É aqui que mataram seu pai”? O que ele dirá? Podemos racionalizar as tensões. Isso não ajeita as coisas, hoje.

MG - Eu não sou um branco, não sou um estrangeiro. Eu faço uma pesquisa. Se ele me fala, ele não reanima um problema. É para bem ordenar os acontecimentos, para que as crianças de amanhã possam compreender. Senão, as crianças dirão que os velhos de hoje são loucos. Eu conheço toda essa história de Glèlè e de Chachá Julião, os detalhes. Isso que eu quero compreender é como o neto de Julião pode ser entronizado pelo neto de Glèlè. É isso que preciso entender. De outro modo, não posso explicar para as crianças de amanhã.

DA - Quando uma lua aparece, ela mata outra, ela a substitui. Quando um ventre que carregou uma criança morre, o ventre dessa criança o substitui. Nós somos assim. Veja como o rei Guêzo e Chachá eram íntimos. Mas Guêzo morreu. Glèlè Zinmadjègbin foi quem tornou-se rei. Mas se alguém te manda ao mercado e que você está bem com ele, quando você vai procurar trair seu filho, a raiva pode começar. Por exemplo, alguém te manda um capital para frutificar, para dividir o benefício em um bom ambiente, se você acha que seu filho não está informado, que você vai jogá-lo, tem um mal entendido. Quando a regra do jogo não é mais respeitada, tem uma reação. Tem uma situação entre os dois amigos Félix Francisco de Souza e o rei Guêzo. Mesmo se nós lhe enchemos esse quarto de notas de banco, ele não lhe dirá nunca, porque nós lhe ensinamos. Guêzo e Chachá não têm nenhuma disputa. É o filho de Guêzo Zinmadjègbingui que foi reclamar uma dívida.

MG - Julião tinha uma dívida com Glèlè e Glèlè executou a dívida?

DA - Foi Guêzo que colocou as coisas para Chachá, para vender. Depois da morte de Guêzo, Chachá pegou todos os bens que Guêzo lhe deu e que este não tinha mais, ele quis remeter [esses bens] aos descendentes de Guêzo, de hoje. Mas não é por isso que deveria haver rancor entre os dois grupos.

MG - Vamos à realidade dos fatos. Desde Julião, que foi executado, os outros Chachás que o seguiram, são de outro ramo. O ramo Julião foi caçado do reino e se estabeleceu no Togo. Os outros Chachás eram de outro ramo. O ramo Julião foi banido pelo rei do Abomé. Agora, o ramo Julião retorna. Chachá VIII não fala mais o fom⁹, ele fala mina. Então gostaria de saber como a corte de Abomé vê a chegada desse ramo que foi banido. É difícil entender como a corte aceitou um ramo banido assim. Como se nada tivesse acontecido.

DA - Não queremos abrir e discutir esse dossiê. Aquele que veio é como Chacha veio na casa de seu amigo. É o próprio Chachá vindo na casa do rei Guêzo, o rei Glèlè.

⁸ Sublinhado no manuscrito.

⁹ Fom é a língua do antigo Daomé e um grupo étnico. O mina é uma língua e é um grupo étnico localizado originalmente na atual cidade de Elmina, no Gana, no litoral da África Ocidental.

Vamos recebê-lo como recebíamos o antigo Chachá. Vamos fazê-lo, como o rei Guêzo o fez. Nós queremos receber Chachá. Nós não queremos falar do filho daquele que agiu mal. O outro negócio acabou, foi esquecido.

MG - Muito bem.

DA - Se depois de ter escolhido este aqui, eles não viessem mostrá-lo, diriam que existia uma querela, uma raiva da história que eles começaram conosco. Mas eles vieram mostrá-lo e apresentar o programa da cerimônia. Eles vieram em amizade. Nós os recebemos.

MG - Mas a corte estava bem a par de que Chachá VIII era do ramo de Julião?

DA - São os mais velhos da família Chachá que se reuniram talvez consultando o Ifá¹⁰ para designar aquele que nos apresentaram.¹¹ Perguntamos se todos eles o aceitaram e eles disseram sim. Foi perguntado três vezes e eles aceitaram. O rei pediu que fornecêssemos a ele. Nós lhe fornecemos. O palmeiral que o rei deu dinheiro para comprar está lá, não queremos mais isso. Os terrenos que nós compramos estão lá, não pedimos mais, o capital colocado [aí] não é reclamado, não perguntamos mais [sobre] as mercadorias, nem o preço. Se nós pedíssemos tudo isso, outra história poderia nascer. Mas nós deixamos tudo, dizendo que a amizade é mais cara do que tudo e nós recebemos o Chachá.

MG - Toda a família Souza recebeu esse Chachá. Os velhos escolheram esse Chachá. Consultaram o Ifá. O Ifá disse que era uma boa escolha. Ele vai fazer um bom reino. Todo mundo o conhece. Mas essa não é a minha questão. No momento em que o rei cuspiu na mão e pôs a mão sobre a cabeça, será que o rei sabia que ele estava entronizando alguém do ramo Julião, sabia ou não?

GD - Ele diz que não nos retornaremos a fazer essa diferença. Mesmo se nós o sabíamos, nós nos calaríamos [sobre esse fato].

MG - Mas ele sabia ou não sabia?

GD - Dizemos que não procuramos saber. Talvez seja conhecido, mas não procuramos saber, por medo de acordar as antigas querelas. Não há nada mais caro que o amigo. É a amizade que tem o privilégio.

MG - Então, podemos dizer que eles sabiam bem, mas que eles privilegiaram a amizade. É uma atitude sábia.

DA - Sim.

MG - O Chachá I, quando foi entronizado, eles deu presentes ao rei Guêzo. Ele deu, na época, pólvora para canhão, aguardentes, tecidos vindos do Brasil, e, sobretudo, ele deu

¹⁰ Ifá é o nome de um oráculo africano, um sistema divinatório que se originou entre os iorubá, da Nigéria. É conhecido como Fa pelo povo fom, do antigo reino do Daomé.

¹¹ Sublinhado no manuscrito e, na margem esquerda está anotado: "Fa".

plumas, joias de ouro, e ele deu, sobretudo, tabaco, que vinha da Bahia. Desde então, quando teve um Chachá, ele deu presentes ao rei de Abomé, na lembrança desse presente do Chachá I. Queria saber se o Chachá deu presentes e o que ele deu.

DA - Depois que o presenteamos, não o vimos mais. É amanhã que o reveremos. Não sei se ele vai trazer amanhã. Chachá é mais bem cuidado que o próprio filho de Guêzo. Nenhum filho de Guêzo foi instalado no palácio, mas Chachá foi instalado no palácio. O Chachá chegou antes dos padres.

MG - (???)¹² Em um documento, ele diz que o rei de Abomé foi roubar os bens de Chachá em Uidá.

DA - Nós não queremos ouvir mentiras. Se os filhos de Chachá que estão lá desviam os bens de Chachá, isso não concerne Houégbadja, isso não concerne o rei Guêzo. Não podemos nunca roubar a riqueza de um amigo sincero. Isso não se faz aqui. A amizade do rei não começou com Chachá. O rei já teve amigos e nós nunca roubamos nenhum bem. Ninguém fez isso. Foi em Uidá, não no Danxomé. Se Chacha tornou-se muito rico, foi por causa do comércio que Guêzo lhe confiou. Nós colocamos terras, palmeirais, bens, mas hoje não os reclamamos. A amizade arrisca de se quebrar quando começamos com isso.

MG - Falamos de amizade. Mas tem também o pacto de sangue. Para o rei do Abomé, o pacto do sangue está saciado. Falamos disso. Não da amizade entre nós. Por respeito ao pacto de sangue, o rei de Abomé não pôs as mãos nos bens de Chachá.

DA - É o que dizemos no pacto de sangue, que nós o respeitamos, nem a criança, nem o amigo, nem a mulher, se aproximam do pacto de sangue. Não vamos nunca romper esse pacto. Aquele que rompe o pacto sofre as consequências. Vamos manter a amizade com os de Souza e eles conosco. É por isso que Chachá está instalado no palácio.

MG - Será que ele conhece Domingo José Martins, ele não é Souza...

DA - Não queremos conhecê-lo porque ele não é amigo de nosso ancestral.

MG - Tem essa história que, no momento que Chachá fez o pacto de sangue com Guêzo, as mulheres de Chachá fizeram um pacto de não agressão com as mulheres de Guêzo. Será que ele conhece?

DA - Esse domínio é secreto. O filho não conhece o marido de sua mãe. Chachá tem uma casa, mulheres e filhos aqui. Quando o rei vai visitar Chachá em Uidá, ele vai com mulheres e filhos. Não sabemos como as mulheres se comportaram. Não soubemos nada de grave. Temos gente em Uidá, e tem pessoas de Uidá aqui.

MG - Mas o pacto de não agressão e o pacto de sangue, ele não sabe nada.

DA - Não podemos saber de nada relativo à nossas mães.

¹² Pontos de interrogação do manuscrito.

MG - O que é interessante é que nunca falamos de pacto de sangue de mães, é somente o ramo mulher que não é um ramo. São os descendentes das filhas de Chachá que falam disso, é engraçado. Tem a questão da proteção de Chachá VIII – desde [19]69 não tem Chachá. Todas as vezes que escolhem um candidato, ele morre. Escolheram Chachá no mês de julho e imediatamente fizeram os procedimentos para que ele fosse apresentado ao rei de Abomé, para acelerar e para tentar o entronizar antes que ele morra. Tem uma ideia de que, como o rei é irmão de Chachá, ele é protegido pelos vodus de Abomé; e tivemos a confirmação ontem. Farão cerimônias?

DA - O fato de que o rei tenha pegado a mão dele é o suficiente.

MG - Não, nos conventos. Os conventos de Abomé, ligados aqueles de Uidá. E, em Uidá, fazem *grigris* (feitiçarias)¹³ contra o Chacha. Será que o convento de Abomé vai chamar à ordem o convento de Uidá. E, em Uidá, fazem feitiços contra o Chachá. Será que o convento de Abomé vai chamar à ordem o convento de Uidá que fez os feitiços, ou não? E Daagbo Hounor, qual é o papel dele? Será que ele é Daagbo submetido aos conventos e ao rei do Abomé?

DA - A questão é complexa e profunda. As outras vezes que escolheram o Chachá, eles nunca o apresentaram ao rei, como agora. Como ele veio se apresentar ao rei, ele falou em suas mãos e as colocou sobre a cabeça, é a transmissão do poder.¹⁴ Quando ele chegar amanhã, nós vamos levá-lo no túmulo do Guêzo. Ele ainda pegará poderes aí. Nenhum daqueles que foram escolhidos vieram fazer isso aqui. Nenhum daqueles lá queriam continuar a amizade, mas agora retomamos.

MG - Podemos dizer que como as pessoas não seguiram os protocolos, os candidatos fracassaram. Agora, que eles fizeram bem os procedimentos, o rei transmitiu o poder, assim se traduz na prática. Será que nos conventos ligados ao reino de Abomé fazem cerimônias para o Chacha? Os conventos daqui chamam à ordem os conventos de Aiudá que fazem feitiços contra o Chacha? Será que a transmissão do poder, a cerimônia sobre o túmulo são suficientes para impedir que envenenem o Chacha?

DA - Sim. Se ninguém pode incomodar. É isso que Houègbadja pegou para fundar o trono e todo rei tem isso até Guêzo. O senhor vai ver que o Chachá vai envelhecer muito tempo, até que venham perguntar a ele a história da família.¹⁵

MG - Não é minha resposta.

DA - Espere! Guêzo comia com o Chachá no mesmo prato, eles bebiam juntos. Quando ele tem um pedaço de carne no molho, ele diz ao Chachá para pegá-lo. Tudo isso é poder, uma proteção, uma potência. Nenhum indivíduo tem o direito de comer com o rei do Danxomé, só ele. Ninguém vê onde o leopardo come e dorme. Mas Chachá via tudo. Amanhã, no palácio central, sobre o túmulo, o rei e Chachá vão comunicar com Guêzo.

¹³ No manuscrito: “des gris gris”.

¹⁴ A frase está sublinhada no manuscrito e, na margem esquerda está anotado “transmissão do poder”.

¹⁵ Sublinhado no manuscrito.

Ele vai prever o futuro. Nenhum daqueles que foram propostos fizeram isso, desde [19]69.¹⁶ Esse Chacha vai envelhecer no trono, nada lhe acontecerá. Ele deve somente evitar de beber com uns e outros.¹⁷ É seu vigan, seu mensageiro que ele deve enviar aqui.

MG - Como a proteção se manifesta nos conventos reais? Tem cerimônias para o Chacha? Eles dizem uma palavra nos conventos de Uidá, por exemplo: “Atenção, esse senhor lá, não devemos envenená-lo”. Será que tem esse procedimento, ou não?

DA - Vai ser no dia em que Chachá quiser fazer uma cerimônia que ele enviará uma delegação ao rei de Abomé para falar aos vodununs de Uidá, para que eles saibam que, vendo aquele ali, é o rei Guêzo que eles veem. Nós impomos o respeito ao rei Guêzo e impedimos toda desordem. Eles não o farão nada. Quando a pantera mata uma presa, nenhum animal se aproxima. A pantera protege aquele ali. Nenhum animal quer se aproximar dele (o tipo dito leopardo, mas, na realidade, é a pantera). Se chamamos o Chachá para fazer coisas aqui, ele arrisca ter mentiras em Uidá, pois ele não virá sozinho.

MG - Para tornar eficaz essa proteção, é preciso então que ele o convide. Então, ele vem.

DA - Aqueles que estão lá saberão que [ele] é um verdadeiro Chachá de origem, que voltou. Ninguém pode se aproximar dele.

MG - Não quero mais cansar o Dah, eu não sei se você tem alguma coisa para discutir ainda.

GD - Fizemos tudo.

MG - Uma última pergunta que faço a todos aqueles que encontro. O que quer dizer para ele ser agudá? Quem são os agudás, para ele?

GD - Os agudá yovo, primeiro, não o reconhecemos. Quando um se apresenta, nos metemos a olhá-lo. Não é comum na nossa vida. Pouco a pouco nos habituamos. Os agudás foram os primeiros a vir aqui. Eles têm o poder deles que não pode funcionar muito aqui. Eles procuram ser mais espertos e bem vestidos que os outros, que são seus amigos.

MG - E os agudás de hoje são diferentes?

GD - Eles são nossos filhos. Eles casaram com nossos filhos, nós somos os mesmos, tem uma mistura. Nós somos também hoje portugueses e eles, do Daomé.¹⁸

¹⁶ Idem; com anotação na margem esquerda: “Guêzo e Chachá/protection”.

¹⁷ Idem.

¹⁸ Idem; com anotação na margem esquerda: “hoje”.

MG - Sim, mas quando ele fala de Chachá VIII, ele diz que ele foi o branco que chegou. Portanto, Chacha VIII é o símbolo dos agudás. Eles não foram em Uidá porque é uma cerimônia de brancos.

GD - Nós somos os mesmos, não têm mais brancos, na realidade. É porque a origem partiu daí.

MG - Porque não tem delegação do rei em Uidá?

GD - Isso não é nossa falta, é falta deles. Depois da apresentação, eles escolheram uma data, mas Chachá teve o anúncio de uma morte. Ficamos sabendo da notícia e da mudança de data. E quando eles marcaram outra data, eles não nos informaram. É isso. A televisão não pode nos anunciar uma mensagem. Os filhos do rei que estão em Cotonu, uma parte partiu para a cerimônia.

MG - Tem alguma coisa que fecha. Para a entronização do dia 7 de outubro, eu estava sabendo um ano antes. O Monsenhor de Souza me disse que, quando eles vieram aqui, o convite já estava impresso.

GD - E por que ele não foi enviado?

MG - Ah, vamos ver.

GD - Não sabemos se foi porque eles tiveram um luto que eles esqueceram. Eles deviam nos anunciar a notícia.

MG - A festa anual da família Souza é no dia 4 de outubro, o dia do nascimento do Dom Francisco. Como cai em dia de semana, eles adiaram a entronização para o dia 7. Quando Chachá veio, já tinha o convite. Mas eu vou pesquisar. Eu agradeço a ele por sua capacidade de guardar as coisas. Eu sou reconhecido pela ajuda que ele trouxe ao meu trabalho. É com alegria que vou encontrá-lo na cerimônia.